

"A universidade e o fazer poético em prosa e poesia" é um coquetel literário das produções de poetas, repentista e cordelistas da região do Cariri, notadamente da cidade de Monteiro, bem como dos alunos universitários. Fruto da iniciativa da UEPB Campus VI Poeta Pinto do Monteiro, o livro resgata, num primeiro momento, a poesia de autores, cujo talento a tradição fecundou e a história literária acolheu. Poetas monteirenses, artesãos das palavras, titãs da cantoria ou, como sugere Diniz Vitorino Ferreira, "amados filhos da musa celeste". Dentre os "poetas gigantes, cablocos aedos" ressaltam-se: Abelardo Pereira dos Santos, Asa Branca, Diniz Vitorino Ferreira, Firmo Batista de Lima, Flávio José, Janse Filho, José Jabitacá, Pinto do Monteiro, Raniel Quintans e Zilmo Siqueira. O segundo ingrediente desse coquetel artístico é a criação poética dos alunos da UEPB, como sonetos, quadras versos livres e brancos que se transformam em meios de expressar o amor, a saudade, a solidão e, ao mesmo tempo, a alegria de desfrutar da riqueza cultural dessa região que os aconchegou em seu seio de engenho e arte. Finalizamos o repertório artístico com a prosa poética do professor Cauby que dedica linhas de meiguice e de exaltação à "Querida Maria", seu primeiro amor. Este livro manifesta e consolida o papel cultural que a UEPB Campus VI desempenha no Cariri Paraibano.

Fabiola Nóbrega
Marcelle Ventura Carvalho
Tatiana Fernandes Sant'ana

[ORG.]

A UNIVERSIDADE E O FAZER POÉTICO EM PROSA E POESIA


EDUEP



Em agosto de 2006, Monteiro se veste de gala para receber o Campus VI da UEPB que o poeta Alberto Batista chama de Sonho Social.

O sonho se realiza e a universidade se materializa no seio de uma região onde a cultura palpita e a arte transforma vidas de geração em geração. A universidade nasce mulher feita, consciente do seu papel em gerar espíritos independentes e críticos.

Não podemos dizer, como afirmara Antônio Cândido a respeito da cidade de São Paulo, que não havia literatura em Monteiro antes da implantação da universidade; mas também não podemos deixar de ressaltar que o Campus Pinto do Monteiro enriquece a história cultural dessa região; uma prova irrefutável é o livro A universidade e o fazer poético em prosa e poesia que ora apresentamos. A obra é dividida em três partes, a saber: a primeira e a última resgatam produções de autores do Cariri paraibano, alguns já consagrados que escreveram em poesia e em prosa respectivamente; o segundo momento do livro apresenta poemas dos alunos universitários, muitos dos quais não são filhos de Monteiro. Entretanto, o ambiente acadêmico e a influência cultural do meio suscitaram o nascimento de jovens poetas.

Podemos assegurar que nesse momento histórico e cultural de implantação de um novo campus emerge uma comunidade de incipientes poetas. Muitas são obras de caráter confessional e intimista; outras demonstram certa comunhão de meios expressivos, sobretudo os dedicados à exaltação e ao reconhecimento da cultura local da cidade anfitriã que acolheu esses jovens

Marcelle Ventura Carvalho é professora visitante da UEPB Campus VI Poeta Pinto do Monteiro, onde exerceu o cargo de coordenadora adjunta do curso de Licenciatura em Letras. Graduada em Letras pela UFPB Universidade Estadual da Paraíba, concluiu, na instituição de origem, o mestrado em Literatura Brasileira com a dissertação Alegoria: a dama dos sermões de Vieira. Foi professora substituta de Língua e Literatura Francesas na UFCG Universidade Federal de Campina Grande e de Literatura Brasileira no Campus III da UEPB. Publicou o livro Sermão: retórica a serviço da fé, pela editora publicou o artigo: A alegoria no sermão de Epifania. Atualmente orienta grupos de pesquisas em literatura comparada.

Fabiola Nóbrega é mestra em Linguagem e Ensino, pela UFPB Universidade Federal da Paraíba Campus I; licenciada em Letras pela UFCG - Universidade Federal de Campina Grande; e, atualmente, é professora-visitante da UEPB Universidade Estadual da Paraíba Campus VI.

Tatiana Fernandes Sant'ana é mestra em Linguagem e Ensino, pela UFPB Universidade Federal da Paraíba Campus I; licenciada em Letras pela Universidade Federal da Paraíba; e, atualmente, é professora-visitante da Universidade Estadual da Paraíba Campus VI.


UEPB


EDUEP

*A universidade e o fazer poético em
prosa e poesia*

Fabíola Nóbrega
Marcelle Ventura Carvalho
Tatiana Fernandes Sant'ana
(organizadoras)

*A universidade e o fazer poético
em prosa e poesia*





Universidade Estadual da Paraíba

Profa. Marlene Alves Sousa Luna
Reitora

Prof. Aldo Bezerra Maciel
Vice-Reitor



Editora da Universidade Estadual da Paraíba

Diretora: Sonia Maria de Luna Maciel

Conselho Editorial:	Antonio de Pádua Dias da Silva (UEPB) Ari da Silva Maia (UEPB) Lemuel Dourado Guerra (UFCG) Lenilda do Nascimento Melo (UEPB) Marcionila Fernandes (UFAL) Maria Aparecida Alves Cardoso (UEPB) Maria Aparecida Barbosa Carneiro (UEPB) Rosângela Queiroz (UEPB)
Editoração Eletrônica:	Ludmilla Dantas Silva Targino
Capa:	Daniel Hugo Moreira Borges
Ilustração de Capa:	Gilcélio Marinho de Brito
Normalização Técnica:	Helliane Maria Idalino da Silva

Depósito legal na Biblioteca Nacional, conforme decreto nº 1.825, de 20 de dezembro de 1907.
FICHACATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL - UEPB

U58 A universidade e o fazer poético em prosa e poesia. / Fabiola Nóbrega (Orgs)... [et al.] -
Campina Grande: EDUEP, 2007.

93p.

ISBN 978-85-87108-67-8

1. Literatura Brasileira 2. Literatura Paraibana 3. Título

22 ed. CDD B869.9

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - UEPB
Av. das Baraúnas, 351 - Bodocongó - Campina Grande - PB - CEP 58109-753
Fone: (83) 3315-3303 Fax: (83) 3315-3378
www.uepb.edu.br - email: eduep@uepb.edu.br

Para a Universidade Estadual da Paraíba, pela implantação do Campus VI e, sobretudo, pelo incentivo a essa publicação. E para a cidade de Monteiro e região do Cariri paraibano, por terem sido fontes infindáveis de inspiração na realização desta obra.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela presentificação eterna em nossas vidas, alicerçando grandes conquistas.

Aos familiares, pelo incentivo constante e, sobretudo, por acreditar em nossos potenciais, sejam eles fontes de demonstração ou simplesmente aportes inatos.

À Universidade Estadual da Paraíba, por ter possibilitado a concretização de nosso idílio materializado nesta publicação poética.

À nossa ilustre diretora Ana Alice Rodrigues Sobreira, pelo comprometimento com o trabalho e o desenvolvimento do Campus VI, disseminando seus projetos e consolidando suas crenças no tocante à instituição.

Aos docentes do Campus VI, que participaram ativamente da realização desta obra.

Aos escritores, por terem acreditado em seu potencial e ousado em seus textos, submetendo-os ao crivo dos leitores.

E ao Cariri paraibano, por ter servido de cenário para enaltecer o âmago dos autores partícipes deste livro.

*“No banquete da vida, para falar como
outro poeta... Já agora falo por poetas;
está provado que, apesar de fantásticos e
sonhadores, são ainda os mais hábeis
contadores de história e inventores de
imagens.” (Machado de Assis, “A Semana”,
1º de janeiro de 1894, Crônicas)*

APRESENTAÇÃO

Em seu artigo intitulado *A literatura na evolução de uma comunidade*, Antônio Cândido (2000) afirma que só há literatura na cidade de São Paulo após a Independência e, notadamente, depois da criação e implantação da Faculdade de Direito (1827), onde a convivência acadêmica favoreceu a formação de grupos fundamentados em normas estéticas, desenvolvendo coletivamente atitudes literárias e expressões originais. Cândido conclui seu argumento afirmando que “há uma história da literatura que se projeta na cidade de São Paulo; e há uma história de São Paulo que se projeta na literatura” (ibidem, 167).

Em agosto de 2006, Monteiro se veste de gala para receber o Campus VI da UEPB que o poeta Alberto Batista chama de *Sonho Social*:

Novas portas que se abrem
Junto com teu nascimento
Todas as pessoas sabem
No âmago sentimento
Sentimento verdadeiro
Campus “Pinto do Monteiro”
Nosso Cariri inteiro

...

Uma pedra fundamental
Chega como devaneio
Mas o sonho social
Já pertence ao nosso meio
A nossa esperança cresce
Nossa cultura enaltece
O Cariri agradece
De entusiasmo cheio

O sonho se realiza e a universidade se materializa no seio de uma região onde a cultura palpita e a arte transforma vidas de geração em geração. A universidade nasce mulher feita, consciente do seu papel em gerar espíritos independentes e críticos. Em virtude disso, sabemos que um dos modos de fazê-los é proporcionando a admiração e o gosto pela literatura; a arte, que é mimese estética da realidade, torna os homens mais sábios e, por isso mesmo, mais livres. Se essas são algumas das sementes lançadas pela UEPB, Monteiro é, artisticamente,

a região onde em se plantando tudo dá, como Rônero Cordeiro afirma nos seus versos “Monteiro terra de gente simples/ mas que vive a cantar/ é um caldeirão de cultura/ como é lindo esse lugar!”.

A beleza de Monteiro não está apenas nos poetas reconhecidos como Jansen Filho, ganhador de títulos e prêmios; Pinto do Monteiro, mestre imbatível na cantoria; Flávio José, poeta, compositor e cantor. A história cultural de Monteiro é uma bela colcha de retalhos na qual autores como: Abelardo Pereira dos Santos, poeta sonetista, autor de *O vale das crenças mortas*; Asa Branca, pseudônimo de José Geovaldo Gondim, cordelista, repentista e radialista; Diniz Vitorino Ferreira e Firmo Batista, repentistas; José Jabitacá, pseudônimo de José Balbino Barbos, repentista e cordelista; Raniel Quintans, poeta, ator, dramaturgo, autor de *Canto do Encantado*, e Zilmo Siqueira, poeta, vêem seus poemas transformados em delicados brocados, costurados aos pares, formando esse belo tecido cultural que enfeita a vida e aquece o ego dos filhos da região.

Não podemos dizer, como afirmara Antônio Cândido a respeito da cidade de São Paulo, que não havia literatura em Monteiro antes da implantação da universidade; mas também não podemos deixar de ressaltar que o Campus Pinto do Monteiro enriquece a história cultural dessa região; uma prova irrefutável é o livro *A universidade e o fazer poético em prosa e poesia* que ora apresentamos. A obra é dividida em três partes, a saber: a primeira e a última resgatam produções de autores do Cariri paraibano, alguns já consagrados que escreveram em poesia e em prosa respectivamente; o segundo momento do livro apresenta poemas dos alunos universitários, muitos dos quais não são filhos de Monteiro. Entretanto, o ambiente acadêmico e a influência cultural do meio suscitaram o nascimento de jovens poetas como Sheysa Danielly, que afirma:

Quando aqui eu cheguei pensei não me apegar;
Mas ao conhecer a beleza e os artistas desse lugar;
Os poetas dessa terra me fizeram renascer;
E a beleza de Monteiro hoje pude conhecer

...

Quero falar dessa grandeza que em mim fez renascer;
A poetisa que sempre quis hoje sei que posso ser.

Em face dessa confissão, podemos assegurar que nesse momento histórico e cultural de implantação de um novo campus emerge uma comunidade de incipientes poetas. Muitas são obras de caráter confessional e intimista; outras demonstram certa comunhão de meios expressivos, sobretudo os dedicados à exaltação e ao reconhecimento da cultura local da cidade anfitriã que acolheu esses jovens e, de certa forma, os adotou. Desse modo, se, em Monteiro, a literatura não nasce paralelamente à UEPB, podemos dizer que ela se revigora, ao resgatar os poetas do passado e cultivar poetas no presente.

Assim, parafraseamos Antônio Candido para assegurar o fato de haver uma história da literatura paraibana que se projeta na cidade de Monteiro; conseqüentemente, há uma história de Monteiro que se projeta na literatura paraibana, fazendo parte dessa história a Universidade (e o fazer poético em prosa e poesia).

Fabíola Nóbrega
Marcelle Ventura Carvalho
Tatiana Fernandes Sant'ana

SUMÁRIO

PARTE I – POESIAS DE POETAS MONTEIRENSES	19
CAJUEIRO MORTIBUNDO (Abelardo Pereira dos Santos)	21
LENITA (Abelardo Pereira dos Santos)	21
FOI O SANTO (Asa Branca, pseudônimo de José Geovaldo Gondim)	22
A DESGRAÇA DE QUEM BEBE (Asa Branca, pseudônimo de José Geovaldo Gondim)	22
EU CANTADOR (Diniz Vitorino Ferreira)	24
AOS CANTADORES (Diniz Vitorino Ferreira)	25
MEU PEQUENO PARAÍSO (Firmo Batista de Lima)	26
O COTIDIANO DE MONTEIRO (Firmo Batista de Lima)	26
QUANDO O CORETO CAIU (Firmo Batista de Lima)	27
DEVOLVA (Flávio José Marcelino Remígio)	29
NA CACIMBA DO AMOR (Flávio José Marcelino Remígio)	30
AS FLORES ESTÃO CHORANDO (Miguel Jansen Filho)	31
EU E MAMÃE (Miguel Jansen Filho)	32
APITO DO VIGILANTE (José Jabitacá)	35
PINTO VELHO O TEU LUGAR NÃO FOI SUBSTITUÍDO (José Jabitacá)	37
SOBRE SAUDADE (Pinto do Monteiro)	40
DENÚNCIA (Raniel Quintans)	42
COFRE (Raniel Quintans)	44
BEBER, ROER E CHORAR (Zilmo Siqueira)	45
SOMOS ÍCONES DA NOSSA PARAÍBA CAMPEÕES NA ARTE DA EDUCAÇÃO (Joelma Vieira)	46
VOCÊ (Joelma Vieira)	46

MONTEIRO (Joelma Vieira)	47
PARTE II – POESIAS DE ALUNOS DO CAMPUS VI / UEPB	49
EM BUSCA DO AMOR (Dílson Fox)	51
AGONIA DE UM POETA (Jailton dos Santos)	52
O ESPELHO (Jailton dos Santos)	52
AS FLORES DO AR (Jailton dos Santos)	53
SAUDADE (Jailton dos Santos).....	53
UM SONHO SOCIAL (Alberto Batista)	54
MONTEIRO (Rônero Márcio Domingos Cordeiro)	55
UM SONHO (Rônero Márcio Domingos Cordeiro)	56
PRECISO DE VOCÊ (Silvana Freitas)	57
OLHAR... (Silvana Freitas).....	58
SAUDADE (Conceição Almeida)	59
O AMOR (Conceição Almeida)	59
REENCONTRO (Conceição Almeida)	60
SENTIMENTO (Conceição Almeida)	61
POEMA DE PINTO DO MONTEIRO (Sheysa Danielly)	62
SAUDADE (Sheysa Danielly)	64
NOITE CINZENTA, CENÁRIO DE LAMENTAÇÃO (Sheysa Danielly) 67	
SEM PALAVRA (Sheila Raposo).....	66
LÁ LONGE (Sheila Raposo).....	66
TE QUERO ASSIM (Sheila Raposo).....	67
SÃO JOÃO (Sheila Raposo)	68
INFÂNCIA (Sheila Raposo)	69
VERSOS CONTIDOS (Ary Prata).....	69
AMAR (Ary Prata).....	70

SAUDADE (Ary Prata)	70
VOCÊ (Ary Prata)	71
SALVE PINTO! (Ary Prata).....	71
SONETO AO PENSAMENTO (Ary Prata).....	72
PALAVRAS (Ary Prata)	73
EU SOU ASSIM... (Ary Prata)	74
SONETO AO AMOR PROIBIDO (Ary Prata)	75
O SILÊNCIO DA NOITE É QUE TEM SIDO TESTEMUNHA DAS MINHAS AMARGURAS (Ary Prata).....	76
SAUDOSA ISABEL (Albério Barbosa).....	77
VEM OS OBSTÁCULOS (Anne Katarine R. de Castilho)	79
DESEJO (Rita Mércia F. da Silva)	80
RESTO DE MIM (Maria Rosimere de França).....	80
BUSCA NOTURNA (Maria Rosimere de França)	81
MINHA CARA (André Sarmento)	82
BLUMA (André Sarmento).....	82
QUEM ÉS TU? (Josinaldo Soares)	84
ENTREGUE A UM AMOR (Mônica Feliciano da Silva)	85
ARREPENDIMENTO (José Murilo Lopes Ferreira)	86
UMA ESTÓRIA INSIGNIFICANTE (Jefferson Silva da Nóbrega) .86	
PARTE III – PROSAS POÉTICAS	89
A VOCÊ... QUERIDA! (Prof. Cauby).....	91
QUERIDA MARIA, (Prof. Cauby).....	92

Parte I

1. O que é a poesia? 2. A poesia e a vida. 3. A poesia e a arte. 4. A poesia e a ciência. 5. A poesia e a religião. 6. A poesia e a moral. 7. A poesia e a política. 8. A poesia e a economia. 9. A poesia e a história. 10. A poesia e a geografia. 11. A poesia e a astronomia. 12. A poesia e a física. 13. A poesia e a química. 14. A poesia e a biologia. 15. A poesia e a medicina. 16. A poesia e a psicologia. 17. A poesia e a sociologia. 18. A poesia e a antropologia. 19. A poesia e a etnologia. 20. A poesia e a linguística. 21. A poesia e a filologia. 22. A poesia e a paleontologia. 23. A poesia e a arqueologia. 24. A poesia e a numismática. 25. A poesia e a epigrafia. 26. A poesia e a sigilografia. 27. A poesia e a cartografia. 28. A poesia e a topografia. 29. A poesia e a hidrografia. 30. A poesia e a meteorologia. 31. A poesia e a climatologia. 32. A poesia e a oceanografia. 33. A poesia e a geologia. 34. A poesia e a mineralogia. 35. A poesia e a botânica. 36. A poesia e a zoologia. 37. A poesia e a fisiologia. 38. A poesia e a anatomia. 39. A poesia e a patologia. 40. A poesia e a farmacologia. 41. A poesia e a toxicologia. 42. A poesia e a microbiologia. 43. A poesia e a imunologia. 44. A poesia e a genética. 45. A poesia e a evolução. 46. A poesia e a taxonomia. 47. A poesia e a ecologia. 48. A poesia e a conservação. 49. A poesia e a restauração. 50. A poesia e a educação. 51. A poesia e a cultura. 52. A poesia e a literatura. 53. A poesia e a música. 54. A poesia e a dança. 55. A poesia e o teatro. 56. A poesia e o cinema. 57. A poesia e a televisão. 58. A poesia e a internet. 59. A poesia e a arte digital. 60. A poesia e a realidade virtual. 61. A poesia e a inteligência artificial. 62. A poesia e a robótica. 63. A poesia e a nanotecnologia. 64. A poesia e a biotecnologia. 65. A poesia e a engenharia. 66. A poesia e a arquitetura. 67. A poesia e o design. 68. A poesia e a moda. 69. A poesia e a culinária. 70. A poesia e a gastronomia. 71. A poesia e a viticultura. 72. A poesia e a enologia. 73. A poesia e a apicultura. 74. A poesia e a apiterapia. 75. A poesia e a fitoterapia. 76. A poesia e a acupuntura. 77. A poesia e a ioga. 78. A poesia e o yoga. 79. A poesia e o tai chi. 80. A poesia e o qigong. 81. A poesia e o reiki. 82. A poesia e o tantra. 83. A poesia e o budismo. 84. A poesia e o hinduísmo. 85. A poesia e o islamismo. 86. A poesia e o judaísmo. 87. A poesia e o cristianismo. 88. A poesia e o catolicismo. 89. A poesia e o protestantismo. 90. A poesia e o ortodoxismo. 91. A poesia e o anglicanismo. 92. A poesia e o luteranismo. 93. A poesia e o metodismo. 94. A poesia e o presbiterianismo. 95. A poesia e o batismo. 96. A poesia e o pentecostalismo. 97. A poesia e o avivalismo. 98. A poesia e o movimento de restauração. 99. A poesia e o movimento de renovação. 100. A poesia e o movimento de reforma.

Poesias de Poetas Monteirenses

CAJUEIRO MORTIBUNDO

Oh! Velho cajueiro do passado,
Eu te revejo agora, quase morto.
Deceparam teus galhos com machado
De ti, resta somente o tronco torto.

Morrerás, com certeza, desprezado
Na triste soledade do teu horto
Qual leproso, tristonho, desgraçado,
Gemendo, solitário, sem conforto.

Foste assim torturado, perseguido,
Ninguém viu tua dor, o teu gemido,
Sofreste, amigo, atroz desilusão...

Mas de ti, só os galhos te cortaram
A mim, fizeram mais, porque roubaram
A glória, a mocidade, o coração.

(Abelardo Pereira dos Santos)

LENITA

Lenita era o sonho alcandorado
Da mãe velhinha, que fazia rendas
E rindo, ia vendê-las no mercado
Pra comprar pra Lenita algumas prendas.

Mas Lenita, que ouvia velhas lendas
E da vida quis ver o outro lado
Aceitou, sem ter pejo, as oferendas
Que o mundo ofertou, por ser malvado.

Lenita queria ter de tudo
Jóias caras, vestidos de veludo
Ver o mundo aos seus pés escravizado,

Deu a honra, o que de mais belo tinha
Deixou chorando, em casa, a mãe velhinha
E abraçou rindo o mundo do pecado.

(Abelardo Pereira dos Santos)

FOI O SANTO

Uma imagem serviu de instrumento
Numa briga entre tantas já havidas
Frasas bruscas que foram proferidas
Estragando de vez um casamento.

Feita a compra de um “santo” num momento
Que outras dívidas seriam contraídas
Nos faltou o diálogo e nossas vidas
Desmancharam de vez um sacramento.

Eu fui rude, ela rude e em ofensas
Responsabilizamos nossas crenças
Esquecendo o que há de mais valor.

A sagrada união que existia
Onde um ídolo qualquer não deveria
Ser do seu extermínio o causador.

(Asa Branca, pseudônimo de José Geovaldo Gondim)

A DESGRAÇA DE QUEM BEBE

A desgraça de quem bebe
É sempre a dose primeira
Quando a pessoa percebe
Já está na bebedeira.
Tem gente que fica brava
Tem mulher que se deprava
Esquece a casa que tem
Homem que abandona o lar
Começa experimentar
A força que o vício tem.

Embriaguez é sinônimo
Do mais terrível fracasso
Em que sou alcoólatra anônimo
Um apelo a todos, façam
Procurem uma entidade

Que ensine de verdade
Com fé e perseverança
Quem fizer isto verá
Que do vício sairá
O caso é ter confiança.

Quem já fez um homicídio
No auge da bebedeira
Praticou o suicídio
Da liberdade fagueira
Do crime que cometeu
Logo após se arrependeu
Da sua agressividade
Ainda não sendo preso
Será vítima do desprezo
De toda sociedade.

Nas mais diversas bebidas
Ricos já ficaram pobres
Ceifadas milhões de vidas
De pobres, médios e nobres.
Penitenciárias cheias
Celas lotadas, cadeias
Às ordens pra receber
Estes hóspedes depravados
Que estão sempre embriagados
E mais querendo beber.

(Asa Branca, pseudônimo de José Geovaldo Gondim)

EU CANTADOR

Eu sou o pássaro cantor,
a patativa de gola,
o colibri sem gaiola,
que, além da humanidade,
faz da garganta um piano,
para, nas verdes ramagens,
compor em versos selvagens,
as valsas da liberdade.

A cigarra da floresta
sempre foi minha irmã gêmea...
ela, a selvagem boêmia;
eu, o boêmio cantor.
Ela, cantando nos bosques,
eu, nos sertões ressequidos,
transformo feios gemidos
em liras puras de amor.

Sou um ídolo imortal.
Sou caboclo das mãos grossas.
Transformo humildes palhoças
em bonitos pavilhões.
Meu pinho, quando soluça,
deixa as mulatas tostadas,
estáticas e fulminadas
por circuitos de emoções.

É lindo cantar tranqüilo,
da maneira como canto,
sem incomodar-me tanto,
com fortunas obtusas,
e fazer d' alma um refúgio
para as ninfas virtuosas,
do peito um berço de rosas
para o repouso das musas.

(Diniz Vitorino Ferreira)

AOS CANTADORES

Ilustres colegas, fiéis andarilhos,
Ó amados filhos das musas celestes!
Eu vos enalteço, chorando ou sorrindo,
por tudo de lindo que em versos fizestes.

Poetas gigantes, caboclos aedos,
os vossos dez dedos são teclas caipiras,
cavando saudades em mundos de anseios,
tirando gorjeios das bocas das liras.

As vossas violas são harpas sonoras,
cítaras canoras, vestidas de rendas...
pianos matutos, que gemem sonatas,
ferindo as mulatas, no chão das fazendas.

As vossas falanges dedilham baiões,
tocando os bordões, batendo nas primas,
jogando nas nuvens poemas dispersos,
conjunto de versos, colóquios de rimas.

Amantes da lua, poetas legítimos!
Os filhos dos ritmos, dos cantos selvagens!
As vossas cantigas aos rudes ofendem,
porque não entendem das vossas linguagens.

Cantai, cantadores, fazei vossa festa!
A vida só presta com cantos assim.
Se fordes expulsos por gênios perversos,
cantai vossos versos somente pra mim.

(Diniz Vitorino Ferreira)

MEU PEQUENO PARAÍSO

Tuas flores serranas, virginais,
no silêncio da noite adormecida
são poéticas partículas líricas,
duma tela fulgente, colorida !...
que conserva as imagens madrigais
do teatro real da minha vida !

O cansaço me bota pra dormir!
nem dormindo consigo te esquecer.
Porque sonho, e sonhando posso ouvir,
tua brisa soprar pra me aquecer.
A saudade me mata sem sentir
e eu sentindo, morrendo sem querer.

(Firmo Batista de Lima)

O COTIDIANO DE MONTEIRO

Quem nunca me viu aperreado
Nunca viu João Honório na igreja
E Abelardo do banco na cerveja
Escrevendo um soneto apaixonado.
Severino passando um rio a nado
Zé Eusébio contando valentia
Tadeu Mendes no tempo que bebia
Mestre Bira bebendo uma bicada
Zé Tempero fazendo cachorrada
Cláudio Leite chorando em cantoria.

(Firmo Batista de Lima)

QUANDO O CORETO CAIU

Chorou Zinaldo Romão
Bague, Fernando e Cici
Romero, Flávio e Sadi
José Lucena e Bocão
Adjar e Zé Grampão
Um calou, outro sentiu,
Argemiro quando viu,
Caiu nos pés de Lolô
Todo este povo chorou
Quando o coreto caiu.

Paulo de Paizin Romão,
Chorou Luiz Marcelino,
Luizinho Virgulino,
Paulo Nunes, Cacetão,
Natanael e Barrão,
Pepê, chorando saiu,
Quando Belo Péia viu,
Com Pinincha se abraçou,
Todo este povo chorou,
Quando o coreto caiu.

Zé Morato, Zé Tempero
Rui e Otávio Amador,
Daniel vereador,
Serafim, o bodegueiro,
Bebete e Biu sapateiro,
De Marcelino fugiu
O pobre Mané Titiu,
Foi costurar, se furou
Todo este povo chorou,
Quando o coreto caiu.

Cláudio Leite, Zí Romão
Jaime Gomes, Ferreirinha,
Zé Gomes e Antonio Rainha,
Dulírio, Luiz Cabeção
Jota Quinca, Carretão,
Arnaldo Nunes mentiu,

Dizendo que em casa viu
Quando Bira desmaiou
Todo este povo chorou,
Quando o coreto caiu.

Léo de Silva Brito e Jú
Biu Catita, Severino,
Nezin Marreco e Silvino,
José do Foto e Tutu,
Temi, só faltava tu
Porém o povo exigiu,
Depois que você saiu,
Preço de cana baixou,
Todo este povo chorou,
Quando o coreto caiu.

Zé Torres, Bosco, Mazinho
Jorge Duarte, Averaldo,
Geraldo e outro Geraldo,
Um caduco, outro branquinho,
Carlos Farias, Marinho,
Dr. Maninho sentiu,
Pedrosa que não fugiu,
Mas que em Brasília sonhou,
Todo este povo chorou,
Quando o coreto caiu.

Almir e Joubert Ferreira,
Chico Cirilo e seu mano,
Novinho e José Baiano,
Mário e Antonio Pereira,
E até Pedro Siqueira
Parou o Toyota e viu,
Quiz sair mas não saiu,
No volante desmaiou,
Todo este povo chorou,
Quando o coreto caiu.

Santo Barbosa zangado,
Disse a seu Chico Batinga:
Neste Monteiro não vinga
Prefeito do meu agrado .

O coreto está derrubado,
Porém ninguém dá um piu,
Dr. Ageu construiu,
E Arnaldo derrubou,
Todo este povo chorou,
Quando o coreto caiu.

Pedro de Dr. Maninho,
Disse a Gaiamum de Zi,
Gaiamum disse a Didi
Didi resmungou baixinho,
Chegou Zé Porocotinho,
Muita tristeza sentiu,
Zé Pretinho diz que viu,
Zefa Preta dar um show
Pois até ela chorou
Quando o coreto caiu!

(Firmo Batista de Lima)

DEVOLVA

Eu tenho
Grande vontade
De com você me encontrar
Só para lhe perguntar
Porque agiu com maldade
Desprezando um amor
Tão lindo e cheio de bondade
Levando assim
Toda a minha felicidade.

Devolva, amor,
Peço sem maldade
A felicidade
Que de mim levou
Devolva, amor,
Todo seu carinho
Pois já não suporto
Viver tão sozinho.

(Flávio José Marcelino Remígio)

NA CACIMBA DO AMOR

Menina
Eu nunca tinha te olhado
De tão perto
Como ontem te olhei
Encontrei o amor
Que há tanto procurava
E logo descobri
Que por ti me apaixonei

Os teus olhos
Se perderam nos meu olhos
Desde a hora
Que se cruzaram com os meus
Os olhos meus
Nunca mais vão te esquecer
Porque foram beber
Na cacimba dos teus olhos

Vem menina
Aonde eu estou
Venha logo me ver
Pra amenizar a minha dor
Vem menina
Depressa vem me ver
Venha logo beber
Na cacimba do amor.

(Flávio José Marcelino Remígio)

AS FLORES ESTÃO CHORANDO

Os lilases murcharam... As roseiras,
Ao castigo do outono, estão despidas...
Hão de viver assim horas inteiras,
Mergulhadas nas sombras esquecidas...

Outrora foram elas mensageiras
Das alegres paisagens coloridas...
Hoje ostentam nas hastes agoureiras
A tristeza das rosas fenecidas...

Desce a noite orvalhada sobre os mirtos,
A secura das plantas abrandando
Na frouxidão letal dos cravos hirtos!

Enquanto o orvalho se transforma em bolhas
Que pelos ramos murchos vão rolando
Como se fossem lágrimas das folhas!...

(Miguel Jansen Filho)

EU E MAMÃE

Mamãe: você se recorda
De quando eu era menino
E saía sem destino
À procura de brinquedo?...
Papai ficava escrevendo
E toda vez que eu saía
Você sempre me dizia:
"Não demore! Volte cedo!"

E quando eu deixava a mesa,
Ia em direção à sala,
Escutava a sua fala:
"Meu relógio nunca atrasa!"
E para mim se voltando
Dizia, depois da ceia:
"O mais tardar: sete e meia
Você tem que estar em casa!"

Eu saía como o vento,
Correndo pelas calçadas,
Brincando com os camaradas
Sem passado e sem porvir!
Faltando cinco minutos
A brincadeira acabava
E às sete e meia eu voltava
Para rezar e dormir...

À beira da minha cama
Você, mamãe, se sentava
E tranqüila me ensinava
Padre Nosso... Ave Maria...
Depois lhe pedia a benção,
Pedia a papai também,
Sem falar mais com ninguém
Fechava os olhos e dormia...

Fui crescendo! Fui crescendo!
E quando mudei de idade
Morreu a tranqüilidade
Do menino inexperiente!
Com a carta de A. B. C.
Um lápis, uma sacola,
Você me pôs numa escola
- Outro mundo diferente!

Mas um dia, a Professora
Me bateu!... Não sei porquê!
Minha carta de A. B. C.
Lhe atirei de encontro ao rosto!
E você sabendo disso
Caiu prostrada num canto!
Seu sofrimento foi tanto,
Quase morreu de desgosto!

Lá me fui para outra escola!
Aquela não me aceitava!...
- Dona Fani me odiava!
Pobre velha sofredora!
Hoje dou graças a Deus
Por algo ter aprendido
E viver arrependido
Do que fiz com a Professora!

Um dia, você, Mamãe,
Me mandou comprar o pão.
Depois que cuspiu no chão
Disse: "Volte num segundo!"
"E se esse cuspo secar
E eu perceber sua ausência,
Fique certo - a penitência
Será a maior do mundo!"

Sai sem nenhum temor,
Não fiz caso da ameaça,
Fiquei correndo na praça,
Esquecendo o meu dever...
Mas quando cheguei em casa
Você me bateu à bessa...
Se papai não vem depressa,
Não parava de bater!...

Então corri como um louco,
Saltei a porta da frente!
Chovia torrencialmente
E ante o temporal fechado
Sai numa disparada,
Blasfemei enquanto pude
Gritando: vou para o açude
Para morrer afogado!

Nossos bondosos vizinhos
Entraram na noite escura,
Todos à minha procura
Sem saber onde eu estava!
Mas depois que me encontraram
Foi aquela romaria:
O povo todo sorria!
Só Você, Mamãe, chorava!...

Hoje que o tempo passou
E eu acordei para a vida,
É que sei, mamãe querida
Os erros que pratiquei!...
Você bem sabe, Mamãe,
Que eu fui um menino horrível
Pela série indescritível
Dos desgostos que lhe dei!

Ajoelho-me ante a distância
Para lhe pedir perdão
E dizer de coração:
SEU FILHO SE ARREPENDEU!
Arrependi-me, mamãe,
De tudo ter praticado.
Por isso odeio o passado
Só porque você sofreu!...

Mas a mamãe carinhosa,
amiga, fraterna e boa,
Ama, castiga, perdoa,
Faz o que você me fez!
Se eu voltasse à minha infância
Seria feliz porque
Estou certo que você
Me perdoaria outra vez!

(Miguel Jansen Filho)

APITO DO VIGILANTE

Para exercitar a mente
Procuro um livro pra ler.
À noite, ao me recolher,
No horário mais silente,
Escolho, em meu ambiente,
O lugar mais isolado
Por mais que esteja cansado,
Só fecho meu manuscrito
Depois que escuto o apito
Do vigilante acordado.

Quando de casa me ausento
Pra passar dias, distante
Deixo em casa um vigilante
Vigiando o aposento.
Viajo com o pensamento
Livre e despreocupado.
Parto sem nenhum cuidado,
Volto sem nenhum conflito,
Ouvindo o som do apito
Do vigilante acordado.

Assisto tudo que for
Notícia em televisão:
Da subida de um balão
À queda de um bimotor.
Desligo o televisor
No último jornal falado.
Pra ficar mais informado,
Vou ler o jornal escrito,
Vez em quando ouço o apito,
Do vigilante acordado.

Numa noite de São João,
Eu regressava de um show.
Um bandido me abordou
Com uma faca na mão.
Nós dois rolamos no chão,
Um com o outro agarrado,
Eu desarmado, ele armado,
Ele na faca, eu no grito,
Fui salvo pelo apito
Do vigilante acordado.

Depois que me sinto farto
De bebedeira e orgias,
Recolho as taças vazias.
Deixo a boemia e parto
Na solidão do meu quarto,
Sem ninguém mais ao meu lado.
Na minha cama, sentado,
Me benzo e rezo um bendito,
Me deito ouvindo o apito
Do vigilante acordado.

Nosso vigilante é
Um soldado sem quartel.
Desempenhando um papel
De quem possui muita fé,
Patrulha as ruas de pé,
Com cacete de lado.
O bandido desarmado
Foge com medo do atrito
Assim que escuta o apito
Do vigilante acordado.

Um vigia competente
É muito mais que vigia
Serve até de companhia
Como se fosse um parente
Socorre quem tá doente
Chama quem é empregado
Mesmo mal remunerado
Vigia a casa e a rua
Não há quem substitua
O vigilante acordado.

(José Jabitacá)

Pinto Velho, o teu lugar não foi substituído

Um primeiro sem segundo
Temos Pinto de Monteiro
Que continua o primeiro
Em toda história do mundo
Cantou sobre o mais profundo
Sem nada ter aprendido
Foi por Jesus escolhido
Por isso não teve par
Pinto Velho, teu lugar
Não foi substituído.

Pinto Velho, tu partiste
Da terra pra o infinito
Se faz silêncio o teu grito
Deixaste o Nordeste triste
Ao peso não resististe
E quase um século vivido
Jesus te viu abatido
Te chamou pra descansar
Pinto Velho, teu lugar
Não foi substituído.

Hoje a cova é tua cama
Teu silêncio é respeitado
Aqui, teu verso é cantado
Por teu nome o povo chama
Quem não teve a tua fama
Por maior que tenha sido
Se já não foi esquecido
Dá trabalho alguém lembrar
Pinto Velho, teu lugar
Não foi substituído.

Quem à tua casa vem
Encontra o portão fechado
Nem sequer deixa recado
Porque não acha ninguém
Mesmo no mundo não tem
Quem tenha o mesmo sentido
Ou seja um pouco atrevido
Na forma de improvisador
Pinto Velho, teu lugar
Não foi substituído.

O teu trono está sem dono
Tua cadeira vazia
A tua soberania
Mantém teu título e teu torno
Descansa em paz que teu sono
Não será interrompido
Até que seja nascido
Quem possa a ti se igualar
Pinto Velho, teu lugar
Não foi substituído.

Deus não quis substituto
Para tão rara semente
Espera futuramente
Reencarnar esse fruto
Por enquanto teu reduto
Continua guarnecido
Para não ser invadido
Por repentista vulgar
Pinto Velho, teu lugar
Não foi substituído.

Existem muitos valores
Nessa nova geração
Mas pra valer teu bastão
São gênios inferiores
Nós temos bons cantadores
Mas nenhum é garantido
O que não canta aprendido
Tem de escrever pra cantar
Pinto Velho, teu lugar
Não foi substituído.

No ar teu verso flutua
Na gente a ausência dói
Tua lembrança é de herói
Teu nome é nome de rua
Pinto, você continua
Mesmo desaparecido
Entre nós o mais querido
Mais nobre e mais popular
Pinto Velho, teu lugar
Não foi substituído.

Tua alma hoje se incrusta
No mais profundo segredo
O teu nome ainda faz medo
Tua fama ainda assusta
Tua força é tão robusta
Porque mesmo falecido
Aonde o teu nome é lido
Faz cantador se calar
Pinto Velho, teu lugar
Não foi substituído.

Pinto cantando viveu
Sem sofrer derrota ou danos
Cantou quase 80 anos
Jamais poeta o venceu
Quando a morte apareceu
O pegou desprevenido
Aí o rei foi vencido
Porque não pôde lutar
Pinto Velho, teu lugar
Não foi substituído.

(José Jabitacá)

SOBRE SAUDADE

Esta palavra saudade
conheço desde criança
saudade de amor ausente
não é saudade, é lembrança
saudade só é saudade
quando morre a esperança

Insuperável no improviso, gostava de cantar com quem o “provocasse” porque assim inspirava-se mais para revelar o seu talento e a sua genialidade.

Na época em que reinou na viola como reinam hoje, por exemplo, Ivanildo Vilanova, Geraldo Amâncio, João Paraibano, os Nonatos, Lourinaldo Vitorino, Valdir Teles, José Cardoso, João Furiba, Moacir Laurentino, Rogério Menezes e outros, adorava cantar com Lourival Batista, porque um sabia encontrar a fórmula de provocar o companheiro.

Cantavam na vila de São Vicente, hoje município de Itapetim, quando Lourival Batista, falando sobre plantas, usou o termo “carola” em vez de “corola”. Pinto bateu forte:

Um rapaz que teve escola
E ainda cantar errado
Fala em flor e diz “carola”
Muito tem-se confessado
Parte de flor é “corola”
Precisa tomar “coidado”

O cochilo de linguagem de Pinto, falando “coidado”, em vez de “cuidado”, deu a Lourival a oportunidade de poder vingar-se do colega. E fulminou:

Pra não ter um só errado
Errei eu, erraste tu,
Errou Pinto do Monteiro
E louro do Pajeú
Nesta palavra “coidado”,
Tire o “o” e bote o “u”.

Em outra ocasião, cantando na cidade de Prata (PB) com Antônio Marinho do Nascimento, sogro de Lourival Batista, e outro gênio do repente, Pinto ouviu do companheiro a “provocação” que estava esperando:

Mas, tenha muito cuidado
Com as raposas daqui

Desfecho que, obviamente, tinha a ver com os animais: o medo que galinha tem de raposa, Pinto não se intimidou:

Aonde eu chego, não vi
Mal que não desapareça
Raposa que não se esconda
Bravo que não me obedeça
Letrado que não me escute
Cantor que não endoideça.

Em outra ocasião, Manoel Galdino Bandeira cantava com Pinto, em Jatobá, sertão paraibano, quando improvisou esta sextilha:

Pois, quem tem vindo ou estado
Aonde Bandeira mora
Se vem cantar, perde a rima
Porque lhe falta a sonora
Ensaca o pinho às carreiras
Se desculpa e vai embora.

Pinto não se deu por intimidado e arrebentou:

Posso ir a qualquer hora
Quando o tirar do engano
Vou pegar sua “bandeira”
Quebro o mastro, rasgo o pano
Pra lhe mostrar quem sou
Me transformo num tirano.

Firmo Batista cantando com PINTO, termina uma sextilha dizendo:

Não sei porque é que PINTO
Só canta aqui nessa esquina.,

Pinto deu a resposta de forma decisiva:

Aqui é minha oficina,
Onde eu conserto e remendo,
Quando o ferro é grande, eu corto,
Quando é pequeno, eu emendo,
Quando falta ferro, eu compro,
Quando sobra ferro, eu vendo.

Cantava o mestre dos cantadores com Manoel Francisco, que saiu com esta:

O que eu apertar na mão
Demora a escapular.

A resposta seca e ríspida:

Se eu mandar você sair
Você demora, mas sai
Você me manda, eu não vou,
Se eu lhe mandar, você vai
Você correndo eu lhe pego
Se eu lhe emboscar, você cai.

O poeta Manoel Xudu cantava com Pinto, e terminou uma sextilha falando sobre uma caçada:

Não vou porque tenho medo
De jararaca assanhada

O mestre do repente respondeu, em cima da bucha:

A cascavel enroscada
No tronco duma favela,
A infeliz criatura
Que for mordida por ela
Não precisa mais remédio
Basta um fósforo e uma vela.

(Pinto do Monteiro)

DENÚNCIA

No meio das alegrias no tablado
Exponho meu sorriso descolorido
Pois, meu corpo é forçado
A cumprir a obrigação
Estabelecida pelo jogo da conveniência.

Resido neste cárcere,
E só nos fragmentos do tempo
Deixo minh'alma exilar-se
E navegar pelas vagas do sonho
Para saber que respiro,
Para ver a beleza do orvalho
Nutrindo a matrona do jardim.

Quantas vezes a morte,
Traíçoeira e repentina,
Diz-se ser minha aliada
Convidando-me a seu banquete
Farto de iguarias fáceis...
Mas, continuarei resistindo
Aos cortes doidos e freqüentes
Da mendigagem vulgar dos robôs,
Com a perspectiva de não perder de vista
O orvalho dourado pelo sol
Escorregando ludicamente
Ao saber do beijo na pétala.

(Raniel Quintans)

COFRE

Te guardarei
Dentro de um poema-casulo
E ninguém
Ouvirá meu canto.

Te guardarei
Dentro de um poema-borboleta
E ninguém
Saberá do vôo.

Te guardarei
Dentro de um poema-quarto
E ninguém
Verá a fotografia.

Te guardarei
Dentro de um poema-armário
E ninguém
Encontrará a chave...

A borboleta-poema
Voa sobre o sol
E brinda
Em minhas estações.

(Raniel Quintans)

BEBER, ROER E CHORAR

Saí pra falar com ela
No arraial Zé Marcolino
Quando aparece um menino
Trazendo um recado dela
Que dizia, a tua bela
Mandou-me te avisar
Você pode namorar
Que ela não vem pra festa
Veja só o que me resta:
Beber, roer e chorar.

Fui pra uma vaquejada
Bebi muito, entrei no samba
Já tava de perna bamba
Com estranha namorada
Mas a peste era amigada
Veja só o meu azar
O chifrudo veio buscar
A danada da putinha
Fui até de manhãzinha
Beber, roer e chorar.

Às vezes, tomo bebida
Nos cabarés da cidade
Bebo até contra a vontade
Com mulher prostituída
Passa a hora da comida
Não quero me alimentar
Elas não querem parar
O alimento da mesa
É rum, cachaça e tristeza
Beber, roer e chorar.

(Zilmo Siqueira)

SOMOS ÍCONES DA NOSSA PARAÍBA CAMPEÕES NA ARTE DA EDUCAÇÃO

Homenagem aos Professores:
Somos ícones da nossa Paraíba,
Campeões na arte da Educação.

Professor do Agreste ou Litoral,
Curimataú, Cariri ou do Sertão,
Que vive batalhando em sua lida
Pra conseguir qualidade em educação.
Tua luta é assistida por um povo
Que acredita em tua missão
Os frutos colherás tenhas certeza,
Pois és um referencial de vida.
Somo ícones da nossa Paraíba,
Campeões na arte da educação.

(Joelma Vieira)

VOCÊ

Você é ilusão,
É ternura,
É sofrimento.
É a manhã alegre,
É o sol sorridente,
É uma lágrima que cai do meu rosto,
É um momento de distração,
É aquela linda canção
Que estou a escutar.
É a brisa macia, é o momento de agonia
Que minh'alma está a passar.
Você faz parte do meu sonho,
Da minha noite, do meu dia,
Da tristeza, da alegria,
Da saudade, do sofrer.
Afinal, minha vida se resume
Em apenas uma palavra:
VOCÊ.

(Joelma Vieira)

MONTEIRO

Monteiro cidade bela,
Tens em ti encantos mil.
Minha morada singela,
Fazes parte da aquarela
Que enfeita meu Brasil.

Teu clima bom me encanta,
Tua calma me atrai.
Berço esplêndido de bonança,
Pareces uma criança,
Alegre, esperta, audaz.

O teu povo varonil,
Cheio de simplicidade,
Faz desse pedaço de chão
O encanto do Sertão,
Dos poetas da saudade.

Pequeno e negro pontinho
No Atlas apenas és.
Mas no mundo dos artistas
És a cidade mais rica,
Nenhuma chega a teus pés.

(Joelma Vieira)

Parte II



Poesias de Alunos do

Campus VI/ UEPB

EM BUSCA DO AMOR

Um dia peguei uma jangada.
A tarde já descansava
Na maré muito agitada,
Mas fui em busca do amor

Não importa onde for,
Esteja onde estiver.
Na alta ou baixa maré,
Vou remar pra onde der.

Subi aos mares do norte,
Desci aos mares do sul.
Fui até a Malibu,
Lá encontrei uma sereia.

Formosa como uma rosa,
Delicada igual uma pluma.
Bela como uma pintura,
Feita pelo Michelangelo

Um rosto de um arcanjo,
Só existe ela no mundo.
Atravessei mares profundos,
Mas encontrei o amor.

(Dílson Fox)

AGONIA DE UM POETA

Respiro, penso, reflito...
Algozes do meu passado me vem à memória
Quando então porei fim a este conflito?
Que me faz lembrar minha própria história.
Ah, como este momento me aparece tão vill
Me consumindo na tormenta da noite,
Meu coração em pedaços partidos a mil,
Sofro, sucumbo, escorro no sacudir de um açoite.

Meus pensamentos se petrificam,
Meus dedos não mais escrevem,
Minha sede e vontade desaparecem!

Chegou a hora, não posso mais!
O viver para mim não mais existe!
Sem descrever o amor, eternamente serei triste!

(Jailton dos Santos)

O ESPELHO

Vês! Não há outro assim igual a ti.
Às claras tudo se mostra,
Teu tudo, teu ser, teu nada...
Se é por mim que tua virtude se apóia,
Teu caráter puro não é mais...
Se é pecado então resplandecer o teu ego,
Que culpes o meu criador...
És assim, e sempre serás,
Mas nunca falei o que és.
Somente mostrei como foste delinqüente
No passado, que viveste futilmente,
E te garanto até mesmo o teu presente, hei de mostrar.

(Jailton dos Santos)

AS FLORES DO AR

És símbolo natural de perfeição,
De delicados pedaços de pétalas suaves.
Tuas nuances fascina olhos, encantam corações,
Desabrocham emoções, inspiram poetas...
São tão belas as flores do ar,
Tão belas como o próprio amar.
O beijo apaixonado não seria como o mel
Se não fosse pelo teu meigo doce brotar.
És de uma beleza extraordinariamente única,
Todas as manhãs não seriam as mesmas sem ti,
Com a vida que trazes junto às gotas de orvalho...
No coração, jardim do existir, do sonhar,
És a mais bela das divinas criações,
És tu as flores do ar.

(Jailton dos Santos)

SAUDADE

Conspiração sob a vida humana,
Manso sentimento voraz
Que a todos os sonhos desfaz,
Na lembrança de uma desgraça insana.
Tudo na lembrança belo se faz:
Imagens de amores e gemidos,
De momentos que jamais são esquecidos,
Beijos, carícias e sussurros, nada mais...
Oh, martírio que não descansa a alma,
Que corrompe o sentimento racional!
Quando então porás fim a esta calma?!

Sentimento que às vezes magoa,
Por recordações de uso banal,
Num coração ferido, uma lágrima é uma lagoa.

(Jailton dos Santos)

UM SONHO SOCIAL

Na terra do Mestre Pinto
Nasce um mundo de esperança.
Grande alegria sinto
Em falar com confiança.
No nosso meio se gera
Um acalento à espera,
O Cariri se pondera,
Já com ares de bonança.

Novas portas que se abrem
Junto com teu nascimento.
Todas as pessoas sabem,
No âmago sentimento,
Sentimento verdadeiro,
Campus "Pinto do Monteiro",
Nosso Cariri inteiro.

Se a cultura é o traço
Da história principal,
Estamos formando um laço
De um tempo especial.
Um abraço à educação,
Todos unidos estão,
De forma sensacional.

E unidos cresceremos,
Enquanto transformadores
Da terra que conhecemos,
Dominada por "Senhores".
Procuramos liberdade,
Liberdade de verdade,
No Campo ou na Cidade,
Discutiremos valores.

Uma pedra fundamental
Chega como devaneio
Mas o sonho social
Já pertence ao nosso meio.
A nossa esperança cresce,
Nossa cultura enaltece,
O Cariri agradece,
De entusiasmo cheio.

Essa Universidade
Merece o nosso abraço.
Com muita felicidade,
Não mostraremos cansaço.
Crescendo a cada dia
Em nome, em alegria,
Um processo em harmonia,
Unidos em um só laço.

(Alberto Batista)

MONTEIRO

Na minha convicção,
No entanto, vou te falar
De uma Cidade bela
Onde o futuro mora lá.

Vou falar de Monteiro
Do Cariri Paraibano,
Terra dos forrozeiros,
Disso não me engano.

Na Cidade de Monteiro,
A música e sintonia,
Lembrando do artesanato
E a escrita da poesia.

Monteiro, terra de gente simples
Mas que vive a cantar.
É um caldeirão de cultura,
Como é lindo este lugar.

(Rônero Márcio Domingos Cordeiro)

UM SONHO

Um sonho é uma luz distante!
Difícil de alcançar
É um brilho escondido
É luz que brilha sem cessar!

Um sonho é como uma estrada!
Difícil de prosseguir
É montanha comprida
Que tenta te impedir.

Sonhar é desfazer o passado
É fazer um futuro decente
É buscar felicidade
Que é o sonho de muita gente

Sonhar é lutar,
Sonhar é viver,
É luta demorada,
Mas vale a pena vencer.

Por fim, eu vos digo:
Quem sonha vive feliz.
O sonhador tem esperança
De conquistar o que sempre quis.

Às vezes bate em minha mente
A fibra de teu olhar.
Num sentimento profundo,
Eu fico a te beijar.

Me perco numa alegria ingênua
Talvez um pouco vulgar
Te amar é sonhar impossível
Mesmo assim eu vou te amar.

Nos teus cabelos compridos
Quero sonhar e dormir.
Me perder no teu olhar,
Sentir o que nunca senti.

Mergulhar em sua vida
Como um peixe em alto mar.
Nadar em seus sentimentos
Pra poder te conquistar.

(Rônero Márcio Domingos Cordeiro)

PRECISO DE VOCÊ

Preciso de você agora depois e sempre.
Preciso de você pra interpretar as histórias a dois,
Para dar significado ao amor.
Preciso de você para saber qual o sabor do verdadeiro
beijo,
Para ouvir as melhores canções.
Preciso de você para caminhar em direção à felicidade,
Pois sei que de mãos dadas chegaremos aonde ela se
deleita.

Preciso dos seus olhos refletidos nos meus,
Para que eu continue enxergando as melhores coisas da
vida.

Preciso sem nenhuma dúvida,
Da sua presença,
Mesmo que apenas abrigada em meu pensamento.
Pois sua existência explica a minha,
E esclarece por que estou neste mundo.
Pois fui mandada para amar você,
E estar à sua espera quando você mais precisar.
Pois meu sentimento não é um ato impensável,
E sim algo do qual conheço a sua intensidade e poder,
Pois de propósito estou amando você...
Ontem, hoje e sempre...
Preciso de você

(Silvana Freitas)

OLHAR ...

Qual o segredo
Deste penetrante olhar,
Que conduz meus sentimentos aos desejos?...
Olhar
Que se torna rei das minhas vontades,
Majestade dos meus sonhos,
Dono da minha realidade.
Olhar
Que provoca,
Faz delírios de minhas promessas,
Inconseqüências de minhas emoções.
Viajo neste momento
Simplesmente fascinada por estes olhos,
Face de inseqüentes desejos,
Loucuras de uma realidade.
Algo me prende,
Algo me rende...
Será um desejo
Que meu caminho é realizar?
Será um sonho que terei que esquecer?
Face de um olhar
Que faz delírios de meus sonhos,
Faz loucuras com meu coração,
Mostre-me seu destino,
Traga-me meu sentido,
Que está em seu olhar.
Renda-se à minha realidade
E contemple comigo
As maravilhas destes desejos...

(Silvana Freitas)

SAUDADE

Rói,
Dói,
Corrói...

É rato,
É ferida,
É ácido...

Mas também
Acalanta,
Encanta...

É colo,
É sonho...

(Conceição Almeida)

O AMOR

Viver sem amor.
Não é viver.
É passar pela vida,
Sem deixar nada de si.
Sem levar nada para si.

Não se vive sem amor.
Vive-se por amor.
O amor preenche os vazios.
Faz-nos fortes.
Faz-nos firmes.
Faz-nos felizes.
Faz-nos tristes?
Por pouco tempo

Nos dá sempre algo,
Nem que seja a lembrança
De que um dia se amou
E se foi feliz...

(Conceição Almeida)

REENCONTRO

Partiu.
Pelo telefone disse adeus.
Deixou-me um vazio n'alma.

Dor...
Tristeza...
Revolta...
Decepção...
Resignação...
Esquecimento?
Não!

Voltou sem aviso.
De novo, preencheu.
Encheu de dúvida.
Será verdade?
Ou mais uma peça do destino?

Viver?
Reviver?
Esquecer?
Viver!!!

(Conceição Almeida)

SENTIMENTO

O que penso não se compara ao que sinto.
O que digo não se compara ao que sinto.
O que vivo não se compara ao que sinto.

Como saber o que se sente?
Como dizer o que se sente?
Como viver o que se sente?

Sentindo o que sei.
Sentindo o que digo.
Sentindo o vivo.

Sabendo o que sinto.
Dizendo o que sinto.
Vivendo o que sinto.
Comprável ao que sinto? Não há.
Para que comparação?
Sentimento é isso:
Sentimento.

Existe para se sentir.
Não se pensa.
Não sempre se vive.
Mas nunca se deixa de sentir.

Saber...
Dizer...
Viver...

Enfim,
Sentir.

(Conceição Almeida)

POEMA DE PINTO DO MONTEIRO

Quando aqui eu cheguei pensei não me apegar;
Mas ao conhecer a beleza e os artistas desse lugar;
Os poetas dessa terra me fizeram renascer;
E a beleza de Monteiro hoje pude conhecer.

Falando de poesia e de encanto verdadeiro;
Impossível não lembrar de Pinto do Monteiro;
Grande poeta essa terra tem orgulho do seu filho;
Que falava da sua mãe e dos seus olhos via o brilho.

Homenageado por toda parte e em cada canto desse lugar;
Nas ruas na Universidade, por que eu não vou falar?
Quero falar dessa grandeza que em mim fez renascer;
A poetisa que sempre quis hoje sei que posso ser.

Em 1895 (mil oitocentos e noventa e cinco) nascia neste lugar;
O maior de todos os poetas que a história pode contar;
Severino Lourenço da Silva homem simples e verdadeiro;
O nordestino todo se encontra com o Pinto do Monteiro.

Dedicou-se à agricultura mas sem nunca deixar de lado;
Contemplava sua cidade na vinda à feira aos sábados;
Muito atento escutava os cantadores ali cantar;
Foi a partir desse momento que começou a sonhar.

Inspirado em Saturnino e Manoel Clementino;
Pinto sempre sonhou ser cantador desde menino;
Cantou pra muita gente carregando um bel prazer;
Isso sempre foi seu marco sua razão de viver.

Com orgulho foi vaqueiro e vestiu roupa de couro;
Foi soldado de polícia era bravo como um touro;
Lutou com muitos cangaceiros só faltou com Lampião;
Pois teve que ir pro Acre fazer lá uma missão.

Pinto foi um pouco de tudo até auxiliar de enfermeiro;
Em tudo conseguiu ser bom, mas em cantar foi o primeiro;
Foi mestre na cantoria, no repente, na embolada;
Tinha a arte de improvisar ao som da viola amada.

Autor de versos ligeiros tropeçava algumas palavras;
Mas sempre tinha o respeito quando fazia emboladas;
Homem de garra e coragem na sua história dá pra ver;
Deu-me muita inspiração pra esse poema escrever.

Encerrou sua carreira e decidiu não mais cantar;
Quando sentiu-se velho e cansado e jurava não agradar;
Fez seu último poema pouco antes de padecer;
Deixou de ser cantador mas não deixou de viver.

Ainda é vivo na memória de quem sua história conhecer;
Quem ouviu ele cantar não tem jeito de esquecer;
O Cariri todo se orgulha do filho que Deus lhe deu;
Foi artista do Brasil, mas em Monteiro ele nasceu.

Pinto em sua memória me atrevi a escrever ;
Te agradeço mesmo distante por me dá esse prazer;
Conheci muitos poetas e hoje pude concluir;
Tenho plena consciência que como Pinto eu nunca vi.

(Sheysa Danielly)

SAUDADE

Que saudade da minha terra, que saudade do meu lugar;
Trago isso no meu peito desde que longe vim morar;
É estranha a saudade quando atingi o coração;
Me refugio no poema me escondo na canção;
Minha família que lá deixei é o que me faz ficar aqui;
Suportando dias e noites pra o que quero conseguir;
Penso em voltar pra casa mas quando levar na mão;
O resultado do meu esforço que muito peço em oração;
O sofrimento é infinito e me ensinou a ter amor;
Por as coisas que eu tinha em mãos e não sabia dá valor;
Descobri que tinha tudo, tinha o mundo e não sabia;
Hoje sinto tudo isso sobrevivendo a cada dia;
Muitas vezes me desespero penso até em desistir;
Mas lembro do objetivo que tenho que atingi;
As horas não passam me perco no tempo;
Vivo a cada dia sonhando com esse momento;
Acabei me pegando a um sentimento que não tinha;
A solidão é algo triste que até então não conhecia;
Procuro sair de casa ser um pouco natural;
Mas logo vem a tristeza é quando caio na real;
Vejo que tudo isso não passa de uma ilusão;
Que tenta esconder a vontade que trago no meu coração;
De voltar pra minha terra que é o que mais me interessa;
É pra isso que luto pois disso tenho presa;
Não desprezo os lugares que fazem parte da minha vida;
Mas viver longe dos pais é passar despercebida;
Pela fase de mulher e voltar a ser criança;
E aprender a caminhar sem uma mão dá segurança;
A esperança trago comigo espero não vê-la morrer;
Antes de ter o que quero ver meu sonho acontecer;
É pra isso que luto, é por isso que vivo;
Aliviando a tristeza do meu coração aflito;
A saudade vai passar e sei que vou me acostumar;
Pelo menos nesse tempo que longe devo morar;
Espero os anos passarem quando os meses derem um fim;
E a solidão que ainda sinto se esquecer logo de mim.

(Sheysa Danielly)

NOITE CINZENTA, CENÁRIO DE LAMENTAÇÃO

Nesta noite pálida e sombria;
Em que a ventania se confunde com a tenebrosidade dos relâmpagos das chuvas;
Aqui estou eu de coração aberto;
Ou porque não dizer partido, em lamentos à fuga de um amor falaz;
Esse amor me fez rastejar e me levou ao encontro com as trevas;
Possuiu-me de forma cruel;
Ó amor, que a princípio fez-me enxergar o lado bom da vida;
Fez-me feliz de tal forma que os meus sussurros se confundiam com a beleza do canto do Canário;
Você sumiu rotulando o amor de indecente, vil e perturbador;
Não se sensibilizou com o sentimento que plantou em meu coração quando fez juras com a eternidade;
Amor avassalador, dotado de crueldade excessiva, que aos poucos está sumindo de mim sem me fazer padecer com promessas de nunca mais amar;
Vou amar sim, mas não vou permitir que esse amor invada meu ser e tome conta de mim tornando-me uma mulher fraca e entregue ao cenário fúnebre de uma noite cinzenta.

(Sheysa Danielly)

SEM PALAVRA

a súplica dançou
em meus lábios
- impaciente
despiu-me
de roupas e medo
nada falei
sedenta, a língua
deslizou e fez
(palavra por palavra)
tudo o que
não disse...

(Sheila Raposo)

LÁ LONGE

Era alegria que nascia
do nada e se expandia.
Sorriso que engolia
Orelhas,
Era imenso profundo
lago de toda e qualquer
coisa
boa e doce.
Era dia de chuva
e sol,
Tiara colorida no céu,
era desejo quase morte
súbita de prazer.
Era vontade de viver
para sempre o mesmo instante.

(Sheila Raposo)

TE QUERO ASSIM

Te quero assim
qualquer coisa de sorriso
abraço e piscadela
de olho
te quero fala e ato
tato e falo
assim
qualquer coisa de meu
coisa de mar e poesia
e sorvete e filme na tevê
coisa qualquer assim
te quero
te quero assim
qualquer coisa de sentimento
tipo
qualquer sentimento
virando coisa –
isso, isso:
te quero assim
sentimento palpável
carinho, afeto, amor
concreto

(Sheila Raposo)

SÃO JOÃO

Não nos dissemos palavra,
Lembro bem.
Havia apenas a música e dois pares
De pés que sabiam aonde ir.

Em outra vida
Já nos vimos?

Tua mão em meu ombro,
Teu hálito e aquela textura morna
Da pele.
Teu olhar
- tudo tão íntimo.

Havia um som junino
Lá longe,
Colando ao teu o meu
Peito

Não nos dissemos palavra,
Lembro bem:
Antes de falar nossa línguas
Se cumprimentaram

(Sheila Raposo)

INFÂNCIA

O feixe de sol
desenha
no chão do quarto
um traço
o buraco na telha
pequeno
dá vida a um raio
delgado.

No diâmetro de luz
balé de pó,
espirro e ácaro.

É somente poeira
Mas, é mágico.

(Sheila Raposo)

VERSOS CONTIDOS

Deixe-me dizer baixinho...
Versos que te fiz ontem à noite.
São palavras que procuram teus ouvidos
São rimas que me servem de açoite

São desejos disfarçados de tristeza
Medo, lágrimas e insegurança.
Que procuram um recanto no teu colo
Que carrega em cada letra uma lembrança

Estes versos se perderam...
Entre a noite triste e calada,
E no vazio do teu quarto ecoam
E te beijam em silêncio minha amada.

(Ary Prata)

AMAR

Eu escrevo uma canção...
Que nasceu na minha alma,
Uma canção simples e complexa,
De amor e de atitude.

Eu escrevo uma canção...
Que não seja só palavras.
Uma canção feita de emoção,
Capaz de tocar os corações e as pessoas.

Eu escrevo uma canção...
Que me conduza a quem eu amo.
Uma canção suave e sem mistério,
Que torne-se resposta ao coração de dúvidas.

Eu escrevo uma canção...
Que seja amor a todo instante.
Uma canção de sonhos,
E que seja eu você numa só letra.

(Ary Prata)

SAUDADE

Ó saudade!
Moléstia vil e criminosa...
Te apoderas do meu ser
E sangras em cada espaço de pensamento.
Sistemática e precisa,
És a prova de quem ama
E o suplício de quem sente.
Carnívora e voraz,
Dilacera-me as esperanças
Pois teu pudor já não existe,
E meu pesar não te comove.
Suma-te!
Ide!
Engole espasmos de serenidade...
Pois tua presença é um fogo ardente.

(Ary Prata)

VOCÊ

Fonte de inspiração
Apogeu do meu canto
Palavras curtas e certas
Doce encanto!
Textura de flor,
Suor e visão.
Verdadeiro amor,
Incontrolável paixão
Há teus olhos... teus olhos...
O que diz teu olhar?
Joga-me fora o medo
Diz-me agora, bem cedo!
Ou me condena sonhar...

(Ary Prata)

SALVE PINTO!

Pinto Vive, acredite!
Em cada trovador sertanejo
Nunca se mata a arte
Nunca sufoca um desejo
Pois eu ainda enxergo Pinto
Em cada repente que vejo.
E se Pinto é o lampejo
Presente nos trovadores
Como não se enxergar
Seus poemas multicores
Pois não se mata uma lenda
Nem o cantador dos cantadores

(Ary Prata)

SONETO AO PENSAMENTO

Pense no presente e no seu fim...
Pense nas crianças rindo em rodas,
Pense no futuro enfim, nas rosas...
Pense em refazer o seu jardim.

Pense na textura do jasmim,
Pense no calor que um abraço tem...
Pense no próximo, semeie o bem.
Pense que ser bom é ser assim.

E pensemos juntos em Jesus!
Num lugar sem dor, um lugar de luz...
Onde não se teme o aquecimento.

O planeta assim nos agradece
Rezemos então: numa só prece
Que nasce apenas lá: no pensamento!

(Ary Prata)

PALAVRAS

Me deixem livre!
Eu preciso sonhar...
Não mostrem dor
Ainda sinto amor
Não cubram meus olhos
Pois enxergo os corações
Soltam as emoções!
Me deixem amar,
Eu preciso lutar!
Não sou certo,
Mas sou desejo,
Sou vento,
Sou vinho,
Eu sou carinho.
Não sou certeza,
Sou verbo,
Tristeza,
Insegurança!
Há esperança,
Não sou eterno
Sou tempo,
Início e fim...
O meu amor sim!
Não sufoquem mais minha luta,
Minhas asas doem...
E já não ouço mais o silêncio...
Me deixem em paz!
Pra viver e morrer
Nos braços da vida.

(Ary Prata)

EU SOU ASSIM...

Eu sou da casca da imburana
O remédio pra loucura
A saudade forte e pura
A natureza soberana
O amor que não se engana
Sou verdade sou mentira
As palavras que transpira
No suor, no devaneio.

Sou a vida no teu seio
A emoção que te inspira
Sou o amor que tu suspira
Sou princípio, meio e fim
Sou pra flores o jardim
O monarca o caipira
A saudade que sentira
Do amor que não vem
Sou real e sou além
O tirano o inocente
Do sinal aquele amém
No sertão eu sou "quiném"
Torrão forte e resistente
Por deveras sou valente
Mas minha verve é só ternura
Pois nasci numa cultura
Que não é fácil e nem barata
Sou do Cariri eu sou da Prata
E não conheço a amargura
No meu rosto a figura
Do sertão, do meu país
Meu semblante é feliz
E não temo noite escura
O meu verso configura
O meu povo a região
Vou guardar no coração
As palavras e o espaço
O repente que aqui faço
Eu registro em emoção

(Ary Prata)

SONETO AO AMOR PROIBIDO

Amor proibido é igual caldeira
Que reluz em se torna incandescente
E a luz de tão forte cega a gente
Ao ponto de não ver que é fogueira

E de tal forma, sem achar maneira
Se entregas ao amor real e forte
Que nada temes, nem mesmo a morte!
Derrubando assim, toda barreira

É o amor puro e não vencido!
O melhor que já podes ter sentido.
Um amor que não se sabe o fim...

E na batalha de vencer indiferenças,
Caia orgulho, medo, crenças...
Vença os olhos, toques e o "sim".

(Ary Prata)

O SILÊNCIO DA NOITE É QUE TEM SIDO TESTEMUNHA DAS MINHAS AMARGURAS

Em cada momento da vida
Eu vejo imagens multicores
Muita embora sejam amores
Eu lembro sempre da partida
Ela está igual ferida
Que ainda bem tratada não cura
Sua imagem é forte. É pura!
E assim tem me consumido
O silêncio da noite é que tem sido
Testemunha das minhas amarguras

A madrugada longa e fria
Se prolonga mas não passa
E de gole em gole na cachaça
Vou lembrando de Maria
Imaginado o que faria
Atravesso as noites escuras
Procurando por ternuras
Que há tempo tem sumido
O silêncio da noite é que tem sido
Testemunha das minhas amarguras

A minha dor é de saudade
Da mulher que sempre amei
Quanto tempo eu já não sei
E nem tem finalidade
A morte veio, fez maldade
Tirou de vez minha quentura
Derrubou as estruturas
Acho até que é castigo
O silêncio da noite é que tem sido
Testemunha das minhas amarguras

Meu sofrer é permanente
Divido a noite com a natura
Me conformo que sem cura
Sou candidato a indigente

Disso já sou consciente
Só o álcool me segura
E quando for à sepultura
Serei mais um que é esquecido
O silêncio da noite é que tem sido
Testemunha das minhas amarguras

(Ary Prata)

SAUDOSA ISABEL

Flávio José Marcelino Remígio
Não teve vida na escola
Mas teve na escola da vida
Se foi difícil a sua lida
A paciência o consolou
Não fez uso de viola
Pra mostrar que poesia
Não é só pra burguesia
Que consegue ser letrada
Por ter a sua encravada
Com grande sabedoria

Jesus filho de Maria
Também não fez faculdade
Mas Deus pai de bondade
Com toda sabedoria
A sua mente sacia
De tudo que são valores
Discursou entre os doutores
Mostrou a sua realeza
Com sua maior sutileza
Fez reinar os seus louvores
Se passastes dissabores
Quem é que nunca passou?
Pois até quem nunca amou
Sei que sofre suas dores
Peço a Deus que muitas flores
Perfume os caminhos teus
Peço ainda ao grande Deus

Paz, saúde e harmonia
Muita luz, muita alegria
São alguns desejos meus

Semelhante a São Mateus
Que ao seu povo ajudou
Porém nunca desprezou
Nem os que não eram seus
São os predicados teus
Ajudar a toda gente
Mesmo sem ser nem parente
Bastavas saber que precisa
Que tiravas a camisa
Para lhes dar de presente

Se eu pudesse, francamente
Fazia o tempo voltar
Para te ver renovar
Com vigor de um sol nascente
Pois sentimos plenamente
Que és da vida uma amante
Fazer-te principiante
Desde o tempo de criança
Revivendo a esperança
De um futuro triunfante

É muito gratificante
Saber que foste minha bisavó
Tens uma alma Cristã
E tinhas um coração gigante
Tinha também cérebro brilhante
E uma inteligência rara
A tua mente não parava
Tinha uma filosofia que encantava
Uma tamanha diplomacia
Que a poucos se compara.

(Albério Barbosa)

VEM OS OBSTÁCULOS

Você caro universitário
Estude com prazer
Venha pra UEPB
Com desejo de aprender

Estude, seja inteligente
Vença os obstáculos
Mostre sua capacidade e
Seus conhecimentos

Tenha senso crítico,
Dê opinião, leia, escreva,
Conquiste seu espaço
Sempre se atreva.

Não fique parado
Sendo estudante
Ajude crescer o Brasil,
Seja importante!

(Anne Katarine R. de Castilho)

DESEJO

Não te recordas, daquelas
Noites passadas?
Quando eu e você nos entregávamos
Aos prazeres carnaís?

Quando prometias
Que sempre me amarias
E assim me possuías
Com total satisfação?

Hoje nos braços de outros estamos,
Talvez ainda tentando
Encontrar no outro
Aquilo que nos prendia.

Seis anos não foram suficiente
Para saciar o desejo
Quero ainda com teus beijos
Viver o resto dos dias.

(Rita Mércia F. da Silva)

RESTO DE MIM

Te busquei
Te encontrei
Me encontrei
Mas me perdi

Fomos um só
Rompemos manhãs
Fui feliz

Mas o tempo passou
E nada restou
Apenas vagas lembranças,
Saudades constantes
Do nosso amor de instante
Fiquei sozinha

Sou infeliz
Foste embora
E deixaste apenas
Um resto de mim.

(Maria Rosimere de França)

BUSCA NOTURNA

No silêncio da noite
Divago só a procurar
Algo bom que nesta vida
Não sei se hei de encontrar

Por caminhos tortuosos
Foram os que passei
Muitos foram os meus tropeços
Entre voltas e recomeços
Ainda nada achei

Me perdi por muitas vezes
Te amei por alguns dias
E numa intensa agonia
Tu brincavas
E eu sempre sofria

Hoje tudo o que tenho é Deus
Que já não me escuta
Que já não me atende
E como nada me surpreende
Fico só a procurar
No silêncio da madrugada
Algo para amar

Por isso volta
Me socorra
Antes que eu morra
Sem meu sonho realizar.

(Maria Rosimere de França)

MINHA CARA

Minha cara... de endeusar-te
estou iludido
Minha cara...de amar-te
acabei destruído
Minha cara...de sonhar-te
acordei fudido

Degiro sonhos belos
E os defeco pela janela
Por entre prédios e nuvens escuras
observo uma linda rosa,
num vaso a chorar
Assim, me vejo por ela
vendo a vida passar

Sinto pena! de quem?
Eu da flor ou a flor deu
Que Pena!?
Pena para voar
Pena para os tolos
Pena para os que vegetam
Sinto nojo de mim
pela sua lembrança
Não, não quero pena
Queria sua ausência

(André Sarmiento)

BLUMA

Teus lábios são sonhos
Em que me vago e me perco
Foi pelo labirinto de tua boca
Que nunca mais me vejo
Procuro achar em vão meus sentidos
Que ficaram no teu último beijo

Nem mesmo eu, você ou ele
Nem mesmo o mais eloqüente delírio de um poeta
Seria capaz de entendê-lo
Delírios poéticos desejam beijos achados
Nunca pintam os perdidos

Perdido beijo que me absorve
Deixa meu inconsciente em paz
Desprenda-me desta mísera existência
Saudades são pétalas ressecadas
Esperando gotas de vidas

Mesmo confuso o teu ser me impele
A um caminho de sombras e ilusão
Fruto de um coração desiludido
Arrancando por outros beijos perdidos

Restos de beijos perdidos
Que alimentam a escuridão
Nunca lábios achados
Faz brotar paixão

Procuro no labirinto dos teus lábios
Nos encontros do acaso
O caminho destroçado
Pelo finado amado

Absolutamente no fim
Estamos procurando outros caminhos
Só depois de perdido
É que nos achamos
Só após a noite fria
Ansiamos a alvorada quente
Só depois que perdemos tudo
Podemos ser livres
Quero te perde, definitivamente
Para reencontrar-me
Na profunda dialética da vida.

(André Sarmiento)

QUEM ÉS TU?

Quem és tu? Que me fascina
Com esse jeito tímido de menina,
Com seus olhos de rubi me ilumina
A minha vida para te se destina.

Tu despertas os mais fortes desejos
E proporcionas razões para sonhar,
Me faz sonhar por teus beijos
Numa noite linda com estrela a brilhar.

Seu corpo desperta um desejo ardente
Com seu olhar atraente e sedutor
Seu rosto um desenho perfeito e inocente
Que me faz por te morrer de amor.

Quem és tu? Que tiras meu sono.
Em altas horas da noite ao dormir
Contigo sonho e teu nome chamo,
Uma brisa fria e calma começa sentir.

Quem és tu? Que dominas meus sentimentos
Que me faz gostar mais de te que de mim
Que me deixa refém dos seus sentimentos
Que me envolve com seus encantos sem fim.

No final desse poema acabei de descobrir
Que tu és toda a fonte de inspiração
Es também, a razão desse poema existir
Tu és quem controla as batidas do meu coração.

[Jo sinaldo Soares]

ENTREGUE A UM AMOR

Me dei a você
Pensando que eras estável,
E a falta de controle
Corria de minhas mãos,
Se transformando em
Argumentos vulneráveis.

Minhas lágrimas
Já não eram as mesmas,
Poís, as tornaram-se
Notáveis, ao contrário
Dos meus sentimentos,
Que por mais, que eu
Tentasse escondê-los
Seria inútil,
Poís, estava estampado
Na minha cara.

Sabendo desde então,
Que era você o meu
Destino,
Resolvi te querer sem
Medo, um medo no
Qual eu sentia antes
De te conhecer,
Por que não entendia
De "amor"

E foi por causa
Desse sentimento, lindo
Que hoje,
Estou entregue à esse
Amor.
E vivendo de "amor"

(Mônica Feliciano da Silva)

ARREPENDIMENTO

Depois de muito tempo juntos.
Sempre ao teu lado
Me recordo o passado;
Daquele vai e vêm
Que teríamos encontrado,
Para dois corações apaixonados

Hoje só procuro mudar
O jeito que “tinha” antes
Para momentos instantes.

Só hoje entendi

O quanto você me amava
Naquele tempo passado
E eu não a respeitava.
Por isso peço-te
Que me perdoe...
Hoje que reconheci
O valor que tinhas para mim
E eu não percebi...

(José Murilo Lopes Ferreira)

UMA ESTÓRIA INSIGNIFICANTE

Um passarinho leve cantador
Desses que voam lento
Trocou seu ninho pelo vento,
Sozinho, rendeu-se ao canto com ardor.

Voava e cantarolava ao tempo
Tudo o que lhe inflamava canto
O céu lhe servia de manto
O chão de cansado momento.

Mau foi que tudo escureceu
E já de todo o manto perfurado
O pobre ficou inebriado
E tanto subiu que desceu

Bem já se via tão ferido
Que ao canto se entregou
E pranto tão belo rogou
Que salvaram-no ao perigo

Era flor com pétalas de aromas
Que delicadamente o apreendia
Piou o pobre com tanta alegria
Que penas no iam às sombras

Cantou e voou e cantou
E tanto o mundo o sentia
Que deu a sombra seu lugar ao dia
E o tempo nem mesmo passou

Mal foi que era primavera
E tão formosa beleza
Vestiu-se de morna tristeza
Por ser cheirosa que era

Borboletas a chegarem
Flores mais que se lançavam
E seus amores exilavam
A lhe as asas enfeitarem

Mal foi que eram vivos
Pássaro e flor e sonho
E já prevendo fim tristonho
Errou a ave aos ouvidos

Pedi a flor a eternidade
Ou o nada eterno aos dois
Mas o ódio se interpôs
Negando-lhes tal maldade

Foi bem que vôo raso
O canto de vez sumiu
A flor no sangue imergiu
E o homem meteu-lhe o passo.

(Jefferson Silva da Nóbrega)

Parte III



Poesias Poéticas

A VOCÊ ... QUERIDA!

Como uma tênue nuvem que se perde no horizonte infinito, emitindo maviosos acordes, era você de há muito tempo o que eu poderia chamar de meu eterno amor desconhecido. Eu a via passar diante de meus olhos, contemplava todos os seus gestos inconfundíveis. Longe estava de supor que aquela para quem seriam futuramente atraídas todas as minhas atenções, para quem convergiriam todos os meus desejos de felicidades, ali se encontrava irradiando na doçura de seu olhar a melodia que palpita em seu coração tão puro como os brancos lírios, tão imaculado como os anjos celestes que o criador espalha por sobre a terra no sagrado momento do batismo. Não sabia nem de leve que a deusa de meus amores, a quem tanto procurava em meus sonhos, por quem tanto chamava nos momentos angustiados de saudades infinitas, estava perto de mim a me acenar com o lenço invisível da sinceridade, apontando-me com um raio de luz fulgurante que emana das almas nobres como a sua, como se quisesse dizer-me que a felicidade a quem tanto buscava, era você mesma.

Talvez nossos olhos tivessem se encontrado algumas vezes, mas meu coração estava vazio como o espaço infinito que nos rodeia, minha alma era apenas um minúsculo ponto obscuro que se perdia no turbilhão das divagações místicas que nos encham o espírito nos momentos de saudade cruciante. Não compreendia que seria você quem apagaria de minha mente as brumas rendadas que a saudade tecera com seu fio de dor e desilusão. Meu coração era um vácuo imenso de mágoas e dissabores, tinha sede de amor, quando diante de mim se encontrava uma fonte cristalina a me oferecer uma saudade dignificante.

Entretanto, sabia que você existia, que seria minha, buscava-a em meus sonhos, mas não a encontrava, até que o destino se encarregou de apresentar-me você num sonho real, em uma aquarela de beleza indescritível, simbolizando a própria natureza em todas as suas manifestações de encantos sem par, como um raio de luar a me apontar o caminho da felicidade que sempre procurei.

Se você, querida, pudesse ler nas páginas singelas de meu coração todos os pensamentos que inspirou e que lhes são dirigidos, encontraria neles certamente, toda a pureza e todas as virtudes que seu amor

exige para a consumação de um ideal que se reveste de um cunho dourado de sinceridade inapagável que caracterizam as almas enlevadas por um amor de sublimidade imortal.

(Prof. Cauby)

QUERIDA MARIA,

“Nem sempre o primeiro amor é a primeira namorada”

Um beijo apaixonado, ardente e impregnado de amor, quem há de esquecer?!

Querida, o tempo não conseguirá jamais apagar de minha memória, mesmo que se passassem “dez anos sem eu ver teu rosto, sem olhar teus ??????? e sem beijar teus lábios”, a tua imagem refletida numa fonte a me sorrir, num sorriso de ingenuidade, ternura e pureza, pois sempre hei de recordar que “foste o meu primeiro amor”.

Quando e onde nos encontramos, nem sei. Sei que já eras linda, que sempre hás de conservar, tenho certeza.

A tarde ia morrendo e em seu lugar surgia uma noite estrelada, pela da luminosidade que os teus olhos irradiavam. Parei, contemplei o teu vulto pequenino e gracioso, atraente e singelo, majestoso e inspirador e resolvi mudar o meu destino de nômade do amor e seguir os teus passos em busca da felicidade, na qual encontrei ao teu lado e ainda hoje me acompanha.

Não posso dizer que eras linda, porquanto ainda o és, sempre foste e serás eternamente, pois a tua beleza não é apenas a física, mas o reflexo de tuas virtudes imutáveis e perenes que sempre soubeste conservar, ampliando-as com o passar dos anos, regando-as com as lágrimas de Mãe, o carinho de ESPOSA e a meiguice da COMPANHEIRA de atitudes irreprováveis e exemplificantes, pois és a árvore que sempre deu bons frutos, os quais são simbolizados pelas qualidades que espalhaste como um “manto nos envolveu”, na carícia de um beijo, na doçura de um carinho.

O meu grande amor não foi o fruto de uma paixão violenta, todavia, originou-se do sentimento que sempre foi crescendo a cada instante e sempre há de crescer. Porquanto, não é apenas a MÃE de meus FILHOS, mas, acima de tudo, a amiga leal, a conselheira incomparável, a companheira ideal para as horas de alegrias e nos momentos de tristezas, na vitória e na adversidade, nos senhos de ventura e na dura realidade da vida. O meu AMOR é produto do que tuas virtudes despertaram e fizeram crescer, num crescente que se assemelha ao turbilhão de uma cascata por onde rolam as águas que as torrentes da lealdade, da compreensão, do carinho e da ternura produziram. É constante como o fluxo e o refluxo da maré. Suave como as brisas que vêm do oceano da felicidade. E terno como a própria criação.

Se recordar é viver, sempre haveremos de viver unidos, eternamente juntos; mesmo que a distância nos separe, o pensamento que desanuvia a saudade – este sentimento que traduz a vontade de reviver os momentos de felicidade inesquecíveis – nos une e mesmo nas noites que a ausência galga os espaços, me conduz ao teu quarto, onde, depois de contemplar-te embevecido, beijo-te em sonho e volto a adormecer nos braços da esperança até que o destino nos faça viver juntinhos novamente, para nunca mais nos separarmos, nem por poucas horas.

Em meus sonhos, que a fértil imaginação cria, vejo-te sempre como sempre foste – uma santa em oração a implorar ao TODO PODEROSO a proteção para NOSSOS FILHOS, a bênção para o NOSSO AMOR.

“Vamos MARIA, juntinhos rezar”, pedindo pela paz ao SENHOR e também pelo NOSSO AMOR, para que tenhamos a recompensa de nossos esforços, de nossos sacrifícios, a gratidão de NOSSOS FILHOS e a PERPETUAÇÃO DO NOSSO IMENSO AMOR!

(Prof. Cauby)

IMPRESSÃO E FINALIZAÇÃO

